PIB no interior

MODIFICAÇÕES NA SUA COMPOSIÇÃO

Felippe Serigati[1] Roberta Possamai[2]

INFELIZMENTE, APESAR da crescente importância do interior do País, não há um conjunto muito grande de informações periódicas sinalizando como está a economia desta parte do País. Com frequência, a divulgação de dados econômicos fundamentais, como inflação, taxa de desemprego, rendimento médio, entre outros, é restrita às regiões metropolitanas (às vezes, apenas algumas). Apesar da limitação de informações, há forte percepção de que diversas regiões no interior do Brasil passaram por fortes modificações nos últimos anos. Nessa linha, este artigo vai analisar de forma agregada as mudanças ocorridas na composição dos setores econômicos (agropecuária, indústria e serviços) nas cidades do interior.

A percepção de fortes modificações é reforçada ao observar que o PIB do interior cresceu, na média, de forma mais acelerada do que o PIB das regiões metropolitanas. Enquanto o PIB do interior cresceu 4,5% a.a., em média, no período entre 2001 e 2011, as regiões metropolitanas cresceram 2,9% a.a. Em outras palavras, sem o interior, a economia brasileira teria expandido menos do que foi registrado na última década.

Antes de prosseguir, é importante deixar claro alguns pontos:

• Os números mais recentes do PIB municipal do IBGE, dos quais são extraídos os dados para o cálculo do PIB do interior e das regiões metropolitanas (RMs), são de 2011. Portanto, infelizmente, toda a análise ficará restrita até esta data;

• O PIB municipal do IBGE disponibiliza o PIB de cada Unidade da Federação e o PIB de cada região metropolitana. Assumimos que a diferença entre as duas categorias anteriores reflete o que chamamos de PIB do interior. Em outras palavras, neste artigo, todos os municípios que não fazem parte de uma RM são considerados do interior. Ou seja, litoral, aqui, é considerado interior;

• Por fim, ainda pela metodologia do IBGE, região metropolitana não se restringe aos municípios em torno das capitais de cada estado; logo, há estados que possuem mais de uma região metropolitana.

Voltando à nossa análise, há quatro motivos principais para explicar a expansão do PIB do interior em ritmo mais acelerado do que o PIB das regiões metropolitanas:

• Expansão do agronegócio;

• Expansão das atividades extrativistas minerais e de petróleo;

• Migração de algumas indústrias para o interior do País; e

• Aumento dos gastos públicos.

Com relação a esse último ponto, é importante fazer uma observação adicional. Há uma fração não desprezível de municípios no interior cuja principal fonte de renda é a folha de pagamentos do funcionalismo público local (sustentada, principalmente, pelos repasses do Fundo de Participação dos Municípios – FPM), bem como os repasses da previdência e dos programas de transferência de renda. Como a última década foi marcada por maiores dispêndios associados a essas rubricas, maior foi a renda em circulação nesses municípios.

Enfim, com os dados disponíveis, é difícil dizer qual desses componentes exerceu maior influência para explicar a expansão observada no PIB do interior. Todavia, mesmo a partir dos números agregados, é possível ver claramente algumas das mudanças que têm ocorrido fora das RMs.

CRESCIMENTO DO PIB BRASILEIRO: INTERIOR *VS.* REGIÕES METROPOLITANAS (RMS)

Ano	Taxa de crescimento			Participação		
	Interior	RMs	Brasil	Interior	RMs	Brasil
2000	3,6%	4,7%	4,3%	37,9%	62,1%	100,0%
2001	2,3%	0,7%	1,3%	38,3%	61,7%	100,0%
2002	5,9%	0,7%	2,7%	39,5%	60,5%	100,0%
2003	4,2%	-0,8%	1,1%	40,7%	59,3%	100,0%
2004	5,0%	6,2%	5,7%	40,4%	59,6%	100,0%
2005	1,3%	4,4%	3,2%	39,7%	60,3%	100,0%
2006	5,2%	3,2%	4,0%	40,1%	59,9%	100,0%
2007	5,3%	6,6%	6,1%	39,8%	60,2%	100,0%
2008	7,7%	3,5%	5,2%	40,8%	59,2%	100,0%
2009	-0,9%	0,1%	-0,3%	40,5%	59,5%	100,0%
2010	8,6%	6,8%	7,5%	41,0%	59,0%	100,0%
2011	5,2%	1,1%	2,7%	41,9%	58,1%	100,0%
Média	**4,5%**	**2,9%**	**3,6%**	**40,2%**	**59,8%**	**100,0%**

Fonte: IBGE

A expansão da indústria rumo ao interior

Não há muitas dúvidas com relação ao fato de que a produção agropecuária é fortemente concentrada fora das regiões metropolitanas; esta é uma produção que, em geral, é mais sensível aos fatores edafoclimáticos e que demanda uma área maior do que a produção industrial ou do que aquela do setor de serviços. Ao observar os números do IBGE, nota-se que, em média, 87% da produção agropecuária do Brasil deram-se nos municípios do interior. Esta proporção não mudou muito ao longo dos últimos anos.

Por outro lado, a participação dos municípios do interior na renda gerada pelas atividades industriais cresceu na última década. Enquanto, em 2001, o interior respondia por 36,3% do valor da produção industrial, este número passou para 45,6% em 2011 – um aumento de quase dez pontos percentuais!

A maior participação do interior no valor da produção industrial pode ser explicada por pelo menos três fatores:

• Crescimento da agroindústria: motivado principalmente por uma ascendente demanda internacional por *commodities* agrícolas e pelos consequentes preços mais favoráveis, o agronegócio brasileiro cresceu fortemente na última década. Com isso, os ramos industriais associados às atividades agrícolas também passaram por um período de prosperidade;

• Expansão das atividades extrativistas minerais e de petróleo: o período de preços internacionais favoráveis não se limitou às *commodities* agrícolas; os mercados de diversas *commodities* minerais e energéticas também estiveram aquecidos na última década;

• Migração de algumas indústrias para o interior do País: devido aos maiores custos de produção nas regiões metropolitanas (mão de obra, aluguéis, menor qualidade de vida etc.), algumas cidades do interior que já apresentavam algum grau mínimo de infraestrutura e de qualificação da mão de obra conseguiram atrair algumas empresas, que transferiram ao menos parte das suas instalações, favorecendo a geração de renda em um número maior de municípios pelo País.

PARTICIPAÇÃO (%) DA AGROPECUÁRIA E DA INDÚSTRIA NO PIB DAS REGIÕES METROPOLITANAS E DO INTERIOR

Ano	Agropecuária		Indústria	
	Interior	RMs	Interior	RMs
2001	86,4%	13,6%	36,3%	63,7%
2002	87,2%	12,8%	38,5%	61,5%
2003	86,5%	13,5%	39,6%	60,4%
2004	87,0%	13,0%	39,5%	60,5%
2005	86,6%	13,4%	40,1%	59,9%
2006	87,3%	12,7%	41,8%	58,2%
2007	87,4%	12,6%	40,9%	59,1%
2008	87,5%	12,5%	43,6%	56,4%
2009	87,2%	12,8%	40,8%	59,2%
2010	87,7%	12,3%	42,9%	57,1%
2011	88,8%	11,2%	45,6%	54,4%
Média	**87,2%**	**12,8%**	**40,9%**	**59,1%**

Fonte: IBGE

PARTICIPAÇÃO (%) DE CADA SETOR ECONÔMICO NA COMPOSIÇÃO DO PIB DO INTERIOR

Ano	Agropecuária	Indústria	Serviços
2001	12,8%	24,3%	62,9%
2002	13,9%	25,1%	60,9%
2003	15,0%	26,0%	59,0%
2004	14,2%	28,0%	57,8%
2005	11,9%	28,2%	59,9%
2006	11,4%	28,5%	60,1%
2007	11,6%	27,2%	61,1%
2008	12,0%	28,3%	59,7%
2009	11,6%	25,9%	62,6%
2010	10,8%	28,0%	61,2%
2011	11,0%	28,4%	60,6%

Fonte: IBGE

A expansão da indústria fora das regiões metropolitanas fez com que este setor econômico respondesse por uma fração cada vez maior da renda gerada no interior, em detrimento da agropecuária (limitada às atividades dentro da porteira) e do setor de serviços. Em 2001, 12,8%, 24,3% e 62,9% da renda do interior eram gerados, respectivamente, pelas atividades de agropecuária, pela indústria e pelo setor de serviços. Dez anos depois, em 2011, a indústria passou a responder por 28,4% dessa renda, enquanto a agropecuária respondeu por 11,0% e o setor de serviços, por 60,6%.

É difícil determinar qual foi a contribuição de cada segmento industrial para a expansão da indústria no interior. Porém, é possível avaliar como evoluiu a participação da agroindústria, ou seja, do segmento industrial associado às atividades agropecuárias, com relação às demais atividades industriais e aos demais setores econômicos.

Qual foi a participação da agroindústria?

Apesar da conjuntura externa bastante favorável ao agronegócio brasileiro na última década, sua participação no PIB do País diminuiu ao longo do período. De acordo com os números do Cepea/Esalq-USP, enquanto, em 2001, o agronegócio respondia por 23,7% de toda a renda gerada no País,

esta participação diminuiu para 22,1% em 2011. Ao desagregar o agronegócio brasileiro entre seus quatro principais segmentos – produção de insumos, agropecuária (também conhecida como atividades dentro da porteira), indústria e distribuição –, fica claro que o crescimento foi mais robusto para as atividades dentro da porteira do que para o segmento industrial.

Enquanto as atividades dentro da porteira aumentaram sua participação no PIB do agronegócio (de 23,8%, em 2001, para 28,8%, em 2011), o segmento industrial caminhou na direção oposta, passando de 33,1% para 28,5% no mesmo período. Como era de se esperar, o setor de insumos acompanhou o crescimento das atividades agropecuárias, embora em um ritmo de expansão menor. Todavia, mesmo incluindo a produção de insumos como um segmento industrial, a agroindústria (insumos + indústria agropecuária) diminuiu sua participação na geração de renda do agronegócio, de 43,0%, em 2001, para 40,3%, em 2011.

Esses resultados são confirmados também pelos números da Pesquisa Industrial Anual (PIA) do IBGE. A agroindústria é um dos segmentos que conta com a maior participação no valor total da produção industrial. Em 2011, coincidentemente o último dado disponível, a agroindústria (incluindo a produção de tratores) respondeu por mais de 30% de todo o valor da produção industrial brasileira.

Todavia, apesar do crescimento do agronegócio, a participação da agroindústria não aumentou na última década (era de 31,7% em 2001), ao contrário de outros segmentos industriais, como a indústria extrativa mineral e de petróleo e a fabricação de veículos e outros equipamentos de transporte. Enquanto a participação do primeiro destes segmentos saiu de 9,5%, em 2001, e chegou a 13,6%, em 2011; a do último avançou de 10,4% (2001) para 13,7% (2011).

Enfim, a expansão econômica do interior do País na última década deu-se a uma velocidade maior do que aquela observada nas regiões metropolitanas. Esse é um resultado muito positivo, pois significa que as cidades do interior estão conseguindo gerar renda e dinamizar suas economias de forma a atrair empresas e oferecer oportunidades de trabalho e de investimento. Esses movimentos, além de reduzir a concentração regional de renda (ao menos entre cidades do interior e das regiões metropolitanas), reduzem a pressão populacional e de toda a demanda por bens públicos sobre os tradicionais centros urbanos.

Todavia, é curioso ver, por um lado, que a expansão da renda no interior esteja associada a uma participação maior da indústria do que das atividades agropecuárias (dentro da porteira); e, por outro outro, que não parece ter sido a agroindústria a responsável pela expansão industrial nessas cidades. É necessário avaliar esse ponto com mais detalhe. ■

PARTICIPAÇÃO (%) DA AGROINDÚSTRIA NO PIB DO AGRONEGÓCIO

Ano	Agropecuária	Agroindústria			Distribuição
		Insumos	Indústria	Total	
2000	23,8%	9,9%	33,1%	43,0%	33,2%
2001	24,5%	10,2%	32,3%	42,4%	33,1%
2002	25,1%	10,7%	31,4%	42,1%	32,8%
2003	26,4%	11,3%	30,3%	41,6%	32,0%
2004	25,5%	11,2%	31,0%	42,2%	32,3%
2005	24,2%	10,5%	32,6%	43,1%	32,7%
2006	23,5%	10,2%	33,4%	43,6%	32,9%
2007	24,5%	10,7%	32,3%	43,0%	32,6%
2008	26,4%	11,8%	30,5%	42,3%	31,3%
2009	26,1%	11,2%	31,1%	42,3%	31,7%
2010	27,2%	11,1%	30,4%	41,5%	31,3%
2011	28,8%	11,8%	28,5%	40,3%	30,9%

Fonte: Cepea/Esalq-USP

PARTICIPAÇÃO (%) DA AGROINDÚSTRIA NA PRODUÇÃO INDUSTRIAL BRASILEIRA

Ano	Extrativismo mineral e de petróleo	Agroindústria (inclui tratores)	Produtos minerais e metalurgia	Fabricação de veículos e outros equipamentos de transporte	Demais
2000	9,7%	31,7%	12,7%	10,1%	35,8%
2001	9,5%	32,6%	12,6%	10,4%	34,9%
2002	10,0%	33,9%	13,2%	10,4%	32,5%
2003	10,7%	33,4%	13,3%	11,2%	31,4%
2004	10,7%	32,3%	14,1%	12,0%	30,8%
2005	12,2%	30,1%	14,3%	12,8%	30,7%
2006	12,5%	30,1%	14,5%	12,3%	30,7%
2007	12,6%	30,1%	14,7%	13,6%	29,0%
2008	12,6%	29,8%	15,2%	13,9%	28,7%
2009	12,1%	32,6%	13,2%	13,8%	28,3%
2010	12,6%	31,4%	13,7%	14,1%	28,2%
2011	13,6%	31,3%	13,3%	13,7%	28,2%

Fonte: IBGE

1 Doutor em Economia pela Escola de Economia de São Paulo (EESP/FGV), professor e pesquisador do Centro de Agronegócio da FGV (GV Agro) – felippeserigati@gmail.com
2 Economista pela Universidade de São Paulo (USP) – rc.possamai@gmail.com